Acervo ISA

LUX - JORNAL
Florianópolis

Sobrevivência em Ibirama é a base da madeira

Hoje comemora-se o Dia Nacional do Indio. E é nesta data, a cada ano que o problema relacionado ao aculturamento dos indigenas vem à tona. Os fatos se repetem, com a luta histórica entre branco e índio. Em Santa Catarina há três reservas da Funai, duas no Oeste (região de Chapecó) e outra em Ibirama, no Alto Vale do Itajaí. No Oeste, como Vale, as tribos estão praticamente dizimadas pela exploração do branco. No Oeste perdura há algum tempo uma verdadeira luta surda em Toldo Chimbangue. Lá, 120 famílias de colonos detém escrituras sobre as propriedades.

Em Ibirama, os remanescentes dos Xoklengs e Guaranis, como no Oeste, derrubam a madeira para vender às serrarias. E há um fato curioso, na reserva de Ibirama: mesmo sem energia elétrica, os índios adquiriram muitos eletrodomésticos, inclusive televisores. E há os que possuem automóvel, como se ver nas fotos que ilustram esta matéria.

Calcula-se que na praça de Ibirama, os índios contrairam dívidas de cerca de Cr$ 150 milhões. Para o professor Sílvio Coelho dos Santos, antropólogo da UFSC, o Estado procura submeter os indígenas, transformando-os em mão-de-obra e consumidores de bens. E adverte: "A questão indígena é uma questão política que está centrada na posição do Estado Brasileiro." Nas três matérias abaixo a situaçao do *índio em Santa Catarina* e as promoções alusivas promovidas pela UFSC.

Fotos Jorge Gomes

Vili, sobrinho do cacique, com as crianças. Ao fundo a casa e a floresta da reserva de Ibirama.

Ação do branco dizima tribos no Oeste

Chapecó — Desde os primórdios de sua história, os índios fazem parte da paisagem do Oeste de Santa Catarina: até o século passado, como senhores absolutos; agora, como remanescentes minoritários de um povo em franca extinção, confinados em áreas depauperadas pela exploração do branco.

"Índio não tem vez, Índio não tem paz", reclama Engelin Gandão, 36 anos, quatro filhos, morador do Toldo Indígena Chimbangue, palco de disputa de terras. Desde o início da colonização branca no Sul do país, acabou-se a paz do Índio. No Oeste Catarinense, a presença dos nativos está reduzida geograficamente a dois locais. O principal é a Reserva Indígena Xapecó, que abrange o município de Xanxerê e parte do município de Xaxim. O outro local é o Toldo Chimbanque, em Chapecó, conhecido pelos brancos como Sede Figueira.

Nos dois locais, as condições gerais de vida das famílias indígenas se assemelham, com uma diferença fundamental: em Xanxerê, habitam uma reserva que lhes assegura permanência perpétua. Em Chapecó, eles estão à mercê de uma decisão judicial e da ira crescente dos colonos brancos.

Os Índios Caingangues e Guaranis da Reserva Xapecó são arredios a entrevistas. Eles temem repressão da Funai e — vejam só — do próprio cacique. A história dessa reserva sintetiza a luta do Índio pela sua terra e sua riqueza. No início desse século, ela foi criada com 50 mil hectares para abrigar a populosa nação Caingangue, em 1902. Foi a forma de pagamento encontrada pelo Governo do Estado do Paraná (à época, a região pertencia àquela unidade da Federação) pelo trabalho prestado pelos Índios na abertura da estrada de Clevelândia ao Goio-En, no Rio Uruguai. A reserva não cumpriu o papel de proteção contra as investidas da sociedade branca e deixou os índios vulneráveis pois não podiam abandonar a terra demarcada. Pequenos agricultores brancos passaram a invadir a área e a levantar ali suas casas, estabelecendo-se com o cultivo regular de culturas de subsistência. Na ocupação, derrubaram matas, queimaram extensas porções de florestas e pinheirais de imenso valor ecológico e comercial.

O assédio incontido de brancos em busca de terra e de riquezas (madeira) foi reduzindo a área que, agora, é de 15 mil hectares. A ocupação é totalmente índia porque, em 1978, todos os brancos foram expulsos por enérgica ação do Índio, face à omissão da Funai em desintrusar a reserva. Cessada a exploração da mata pelos invadores, a Funai instalou ali uma moderna serraria e passou ela a extrair a madeira, comercializando-a sem investir o resultado financeiro na reserva. Hoje, a Funai paralisou a extração, mas o cacique da reserva Xapecó a promove, rudimentarmente: derruba as árvores e os madeireiros retiram a tora bruta. Isso tudo diante das reclamações da comunidade.

Sofrer há longos anos a exploração do colonizador branco, da Funai e de caciques autoritários parece uma sina dos Índios no Sul do Brasil. "Tanta riqueza que essas terras traziam e nos nada aproveitamos", queixa-se Marcelino, Caingangue do Xapecó. "A madeira se foi e nós continuamos sem casas. Os 2 mil Índios Caingangues e Guaranis da reserva vivem em ranchos, à exceção de 25 famílias da sede do posto indígena que habitam pequenas casas de madeira construídas pela Funai. A assistência médica é deficiente. A enfermaria do posto vive às voltas com escassez de remédios e falta um atendente (auxiliar de enfermagem) permanente. As lavouras são cultivadas com utensílios adquiridos em algumas safras comercializadas pelos próprios Índios. A educação é problemática porque o ensino da linha nativa é cada vez mais difícil, à falta de monitores. Com isso, a força da tradição oral se esvai.

O que precisa no Índio do Xapecó? Eles respondem: casas de madeira com emprego da matéria prima da própria reserva (a madeira raramente foi usada em benefício da comunidade), assistência médica e ambulatorial com atendimento permanente de enfermeiro e semanal de médico; auxílio para o cultivo das roças, apoio no transporte e comercialização das safras, escolas bilíngües e total domínio sobre as riquezas que sobraram na reserva. "Temos que vencer o ciclo da miséria, oferecer um futuro melhor aos nossos filhos, viver com dignidade", diz Marcelino, consciente da pobreza crônica em que vive seu povo. Um cacique desabafa: "o branco não respeita o Índio, ameaça, bate, invade e destrói. Fora desta reserva a gente não é ninguém. Aqui, pelo menos, estamos em nossa terra. Mas temos que melhorar a condição de vida." O capitão não quer ser identificado. Diz que o cacique não gosta que falem mal da Funai.

TENSÃO EXCESSIVA

As 18 famílias de Caingangues que vivem em Sede Trentin, onde no passado o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) reconhecia o Toldo Indígena Chimbangue, vivem em estado de alerta e tensão. Uma tensão excessiva. Eles estão exigindo cerca de 2 mil hectares de terras que hoje são ocupadas por 120 famílias brancas, que detém escrituras sobre as propriedades. A reivindicação sustentada pelos Índios provocou reações fortes da comunidade branca, sucedendo-se ameaças, agressões e estabelecendo-se um clima perigosamente ameaçador.

Solução provisória encontrada pela Funai foi confinar os Índios em uma área de 122 hectares dentro de Sede Trentin - fruto de acordo assinado entre Funai e colonos - até que a Funai, o grupo interministerial da questão indígena e a presidência da República decidam quem ficará com a totalidade das áreas. Ali, os Índios vivem na mesma situação de seus irmãos da Reserva Xapecó, mas com um agravante: não têm proteção alguma. Jovenal Antunes, 35 anos, sete filhos, ouviu essa ameaça de um branco: "vamos matar todos os Índios, um por um, deixando vivos apenas aqueles necessários para enterrar os demais".

Jovenal está temeroso porque, dentro do clima de tensão que não poupa Índios nem brancos, já eclodiram atos violentos: um missionário do Cimi teve seu carro crivado de balas quando visitava o local para prestar assistência aos Índios. Plantações são destruídas, cercas derrubadas e a criação é morta. Manifestações de revolta dos brancos que não querem perder as terras. Submissão dos Índios que, sem reagir, estão cada vez mais convictos do que exigem e não voltam atrás.

"Além da miséria, estamos desamparados, desassistidos e passando fome", revela Angelin Gandão, outro Caingangue. Gandão resume o que os Índios pedem: terra para trabalhar com o reconhecimento do Chimbangue como reserva indígena demarcada e oficialmente instituída, construção de casas e assistência à produção, médico e ambulatório. "Antes, tínhamos tudo. Casa, lavoura e animais de criação. A gente vivia em paz. Depois chegaram os colonos, foram entrando e se apossando, hoje somos minoria e não temos mais terras", historia Maria Antunes. Seu marido e outros dez Índios estão acampados há um mês em Brasília, exigindo da Funai uma solução para o impasse de Sede Trentin/Toldo Chimbangue. Os Caingangues querem uma solução a curto prazo antes que estoure o barril *de pólvora em que está transformado* o local da questão. Roberto Veiga, 37 anos, cinco filhos, todos em Toldo Chimbangue, teme que a justiça beneficie os colonos e determine a expulsão dos Índios.

Caso a decisão final da presidência da República decretar a retirada dos brancos e o reconhecimento oficial de uma reserva no Chimbangue, as reações dos brancos são imprevisíveis. As dos Índios não: eles convocarão mais de 160 famílias irmãs que saíram daquela região expulsas pelo avanço da colonização branca para, finalmente, construir ou reconstruir a comunidade Caingangue do Toldo Chimbangue.

Rio do Sul — Para as 244 famílias que residem na Reserva Indígena Duque de Caxias, no interior do município de Ibirama, das quais 196 são da Tribo Xokleng e 48 da Guarani, a principal reivindicação desta data é a realização de uma churrascada de confraternização. Dizem os índios que de uns anos para cá a Funai tem deixado a data passar em branco, alegando falta de verbas. Este fato fez com que o Cacique Aristides Faustino Kriri, da Tribo Xokleng, saísse à procura de doações nas prefeituras da região. Hoje, no seu dia os índios receberão a visita de um grupo de alunos do Colégio Hamonia, de Ibirama.

Em razão da construção da Barragem Norte para a contenção do Rio Hercílio, em Barra do Dolmann, os índios Xokleng foram obrigados a mudar. É que na margem que moravam, cada vez que o rio represa, a área fica totalmente inundada. Depois de muitas brigas, foi o próprio DNOS quem construiu na região alta as novas moradias em número inicial de 33. As novas casas possuem uma sala, três quartos e uma cozinha. Além disto, foi construída uma escola e um ambulatório médico-odontológico.

Nestas novas casas construídas pelo DNOS, consideradas de luxo e mesmo nas mais simples é comum encontrar-se no seu interior televisão, geladeira, aparelhagem de som e eletro-domésticos, mesmo não havendo eletricidade na reserva. Segundo os Índios, dentro de um futuro próximo acreditam que haverá instalação da rede. Afirmam também que a aquisição hoje á para aproveitar o preço. Segundo o vice Cacique dos Xokleng Vei-Tscha Vanhaccü Teié, quando adquiriu sua geladeira ela custava Cr$ 200 mil e "*se fosse comprar nos dias de hoje* veja quanto pagaria". Frisou ainda, que os índios devem no comércio de Ibirama cerca de Cr$ 150 milhões. Os índios, pelo menos os Xokleng, não andam mais a pé. Catorze deles possuem automóveis em sua maioria do tipo volkswagen Brasília, adquiridos a tecerceiros em Ibirama ou Presidente Getúlio. Por isso, é comum ver-se diariamente no centro de Ibirama famílias inteiras de índios passeando de carro.

Mesmo com a proibição do IBDF, a principal atividade económica dos índios é a extração de madeira com a sua comercialização para indústrias da região. Sua extração é feita de acordo com a necessidade de financeira de cada índio. Quando um índio negocia com um madeireiro, a extração é feita às escondidas, já que entendem que não podem roubar o seu próprio patrimônio. Segundo o vice-Cacique Vei-Tscha Vanhaccü Teié para resolver de uma vez por todas este problema, a Funai deveria realizar pelo menos duas vezes por ano a venda de madeira através de licitação e, posteriormente, repassar parte deste dinheiro aos índios da Reserva.

É muito difícil encontrar nos mais de 14 mil hectares da Reserva Duque de Caxias, os Índios cultivando a terra. Segundo o vice-Cacique Vei-Tscha Vanhaccü Teié, antes do início da construção da barragem, os índios possuíam plantações na vargem. Agora residindo há quase oito meses na parte alta, os Índios têm plantado apenas para o seu sustento e na maioria das vezes apenas milho e mandioca.

No entanto, garantem que este ano com a promessa do Governador Esperidião Amin de enviar sementes e até mesmo equipamentos para a agricultura com a orientação de um técnico da Funai "vão plantar em grande escala".

Na área da educação existem duas escolas primárias na Reserva Duque de Caxias, sendo que uma é frequentada por uma tribo. Em cada uma existem dois professores contratados pela Funai. Quando concluem a quarta série os Índios são obrigados a estudar em José Boiteux, com os brancos, até concluírem o primeiro grau. Se, posteriormente, desejarem cursar o segundo grau, terão que fazé-lo em Ibirama ou Presidente Getúlio. Um caminhão da Funai sai da Reserva diariamente às 5h da manhã faz o transporte dos escolares das duas tribos, retornando ao final da aula.

Na parte da saúde, no interior da reserva Duque de Caxias, existem dois ambulatórios médico-odontológico, sendo cada um em uma das tribos existentes. Neles trabalham dois enfermeiros que prestam os primeiros socorros em caso de doença. Se o caso não tiver condições de ser tratado na Reserva os pacientes são removidos ao médico em Ibirama e, em casos excepcionais, são levados para Curitiba, onde está localizada a Delegacia da Funai. De dois em dois meses a Funai envia à Reserva um dentista e um médico para fazer consultas e exames de praxe.

Uma divergência muito grande ocorre entre os Índios e o chefe do posto da Funai, João Batista, na questão do pagamento do combustível do caminhão Mercedes-Benz, e da Toyota que prestam assistência aos Índios. Segundo o funcionário, é a Funai quem paga o combustível utilizado, cerca de 30 litros diários. Já os índios afirmam que são eles que efetuam o pagamento, vendo-se na necessidade de comercializar a madeira para liquidarem a dívida.

Os Índios Xokleng são contrários aos casamentos com os brancos. Segundo eles, se o homem branco casa em seu mundo ele tem por obrigação de sustentar a mulher e ter um local próprio para morar. Casando com as índias, os brancos mesmo com a aprovação do Cacique, acabam recebendo tudo, possuindo as mesmas regalias. Negam, no entanto, que estes casamentos realizados entre índias e brancos sejam uma "ponte" entre os madeireiros para facilitar a extração da madeira.

Na reserva de Ibirama, o consumismo domina os índios. Há muitos carros.

No quarto da casa, um toca-discos. O consumismo chegou à reserva.

O interior de uma casa da reserva que foi construida pelo DNOS.

A questão indígena é política

Lembrado apenas em seu dia, o índio passa hoje por sérias dificuldades e só encontra resistências no duro processo de sobrevivência. Para o professor Sílvio Coelho dos Santos, antropólogo e pesquisador, a questão indígena é uma questão política e está centrada na posição do Estado brasileiro.

O professor Silvio Coelho acrescenta que o Estado procura submeter os povos indígenas, transformando-os em mão-de-obra consumidora de bens. Segundo ele, essa política tem como única consequência o extermínio de populações que ainda resistem, tendo aniquiladas suas manifestações culturais, sua organização social e suas línguas.

O advento da Nova República, no entanto, traz a expectativa de que a questão indígena seja colocada em seu devido lugar, ressalta o antropólogo da UFSC. Situando o problema, nos dias de hoje, Sílvio diz que, preliminarmente é preciso repensar a verdade histórica e reconhecer, no Brasil, a convivência da sociedade brasileira com 150 milhões de habitantes e cerca de 150 sociedades indígenas com línguas e culturas distantes.

"Isto explica reconhecer o Estado brasileiro como pluriétnico e multisocietário, que terá de garantir os espaços políticos necessários para a sobrevivência das sociedades indígenas que aqui, vivem", observa Sílvio Coelho. Se isto acontecer — continua — teremos certamente uma nova política indigenista, ou seja, uma forma nova do Estado se relacionar com estas sociedades.

REALIDADE TRÁGICA

"É evidente que a realidade indígena hoje é, simplesmente trágica", confirma o também pró-reitor da Universidade Federal, mas não se pode deixar de reconhecer, nos últimos anos, uma participação mais intensa de alguns líderes indígenas no processo político brasileiro. Essa participação, acredita Sílvio Coelho, mudou muito a concepção que os brasileiros tem dos problemas indígenas. E hoje, certamente, a maioria da população não negaria os espaços políticos que os índios necessitam para garantir sua sobrevivência enquanto membros de sociedades diferenciadas, arremata Silvio e finaliza: "Os povos indígenas devem ter assegurada a terra e o que necessitam para subsistir; devem ter o apoio que lhes assegure assistência à saúde e educação e toda a infraestrutura necessária".

Quanto aos órgãos de assistência, explicou Silvio Coelho dos Santos, por mais que queiram fazer enfrentam sempre limitações drásticas e nessa perspectiva os problemas acabam sendo resolvidos de forma superficial, quando não de forma inadequada.

HOMENAGEM

O Museu de Antropologia da UFSC realiza desde o dia 12, várias exposições comemorativas que irão até o dia 27, no horário das 8 às 12h e das 13 às 17h. Entre elas, exposição de artefatos indígenas das três nações de Santa Catarina (xokleng, Kaingang e Guarani), além de uma mostra de diferentes aldeias indígenas na Sala de Etnologia que procura apresentar a ocupação dos espaços e das formas características de organização das aldeias xavante, xokleng e waiãpi.

De acordo com a diretora do Museu, Neusa Sens Bloehmer, o objetivo é mostrar à criança, principalmente, uma comparação de grupos diferentes, desmistificando a idéia de que os índios são todos iguais.

Neusa Bloehmer acentua que a diferenciação é muito importante, mormente para os índios, pois permite o espaço próprio de cada grupo. Para ela, a situação dos índios avançou um pouco, mas muito aquém do que realmente necessitam. Relatando a questão do Toldo Chimbangue, em Chapecó, Neusa reafirma a necessidade de uma solução rápida, até mesma pela própria miséria humana dos que lá moram. "A situação do Toldo é de disputa e desconfiança, com os índios vivendo sob contínua ameaça", informa Neusa.

Sobre Ibirama, a antropóloga e diretora do Museu acrescenta que, em nome da sociedade civil de Blumenau, acabaram exterminando o pouco que restava dos grupos mais resistentes, deixando-os na pior situação possível.

Muitos argumentam, continua Neusa Blohemer, que os indígenas da região ganham muito dinheiro com a venda da madeira de suas reservas. "O problema é que eles não tiveram orientação na aplicação desse dinheiro e perderam tudo, voltando à situação anterior de penúria e miséria", conclui. O depoimento de Neusa ilustra bem uma frase do cartaz afixado no Museu de Antropologia, pertencente ao Conselho Indigenista Missionário (Cimi), de 1978. "A esperança do índio está na consciência do branco", indicação clara de que pouca coisa mudou.